



Associação Portuguesa das Empresas  
do Setor Elétrico e Eletrónico

## Síntese de Conjuntura 4º Trimestre 2018

### Instabilidade na Zona Euro contribui para abrandamento global

#### 1.CONJUNTURA SETORIAL

Nota: Os índices que se seguem resultam da média aritmética das respostas das empresas associadas, segundo uma escala qualitativa de **1 a 5**, em que 1 corresponde ao valor mais desfavorável e 5 ao mais favorável.

##### 1.1 Volume de Negócios

	4º Trim 2018	1º Trim 2019
Mercado Português	3,0	2,9
Mercado Externo	3,4	3,3

O último trimestre do ano cumpriu as expectativas moderadas a nível do Volume de Negócios no mercado nacional, e ligeiramente melhores no mercado externo. Para o início do ano, as perspetivas são de continuidade, salvaguardando hipóteses de ligeiro abrandamento em ambos os mercados, o que se afigura inevitável quando todas as previsões relativas a 2019 vão nesse sentido.

##### 1.2 Carteira de Encomendas

	4º Trim 2018	1º Trim 2019
Mercado Português	3,1	2,9
Mercado Externo	3,3	3,2

A Carteira de Encomendas teve, no 4º trimestre, um comportamento ligeiramente melhor no mercado nacional e o esperado, no mercado externo. À semelhança do Volume de Negócios, prevê-se um ligeiro abrandamento em ambos os mercados no início do ano.

### 1.3 Emprego

	4º Trim 2018	1º Trim 2019
Qualificado	3,4	3,4
Não qualificado	3,3	3,2

O Emprego apresentou níveis superiores ao esperado no 4º trimestre em ambas as vertentes - Qualificado e Não qualificado, perspetivando-se níveis igualmente satisfatórios no 1º trimestre do ano.

### 1.4 Propensão ao Investimento

	4º Trim 2018	1º Trim 2019
Propensão a investir	3,1	3,1

A propensão ao investimento no setor melhorou um pouco no final do ano e prevê-se continuidade no 1º trimestre de 2019.

### 1.5 Situação Financeira

	4º Trim 2018	1º Trim 2019
Tesouraria/Liquidez	3,6	3,5
Dívidas de clientes privados	3,2	3,1
Dívidas do Estado e Setor Público	3,2	3,2
Acesso ao crédito	2,9	2,9
Custo do crédito	2,8	3,0
Seguro de Crédito à Exportação	3,2	3,2

A Tesouraria das empresas melhorou e deverá melhorar manter-se em níveis satisfatórios durante o 1º trimestre.

Contra as expectativas, o endividamento, quer a nível de dívidas de clientes privados, quer de Estado e Setor público melhorou bastante e perspectiva-se continuidade nesta recuperação de crédito.

Da mesa forma, o acesso ao crédito e o seu custo apresentaram um indicador um pouco melhor no final do ano, embora ainda não positivo, prevendo-se que a nível do custo haja uma melhoria no 1º trimestre deste ano.

Em linha com uma conjuntura geral um pouco mais benigna, o seguro de crédito à exportação apresentou uma avaliação positiva no final do ano e o mesmo se espera até ao fim do 1º trimestre do ano.

### 1.6 QREN

	4º Trim 2018	1º Trim 2019
Aprovação de projetos	3,0	3,0
Pagamento de participações	2,7	2,7

O nível de aprovações de projetos aumentou visivelmente no final de 2018 e o mesmo deverá acontecer no 1º trimestre de 2019; já o pagamento de participações, embora um pouco melhor, continua a apresentar dificuldades.

## 2. CONJUNTURA PORTUGUESA

Apresentam-se as previsões mais recentes do Banco de Portugal (BdP) para a economia portuguesa:

	2018(p)	2019(p)
PIB	2,1	1,8
Consumo Privado	2,3	2,0
Consumo Público	0,7	0,1
Investimento (FBCF)	3,9	6,6
Exportações	3,6	3,7
Importações	4,1	4,7
IHPC	1,4	1,4

Fonte: Banco de Portugal (dezembro 2018)

O Banco de Portugal atualizou as suas projeções macroeconómicas para o período de 2018/2021, revendo em baixa as suas previsões para o crescimento do PIB em 2018 e 2019.

A revisão em baixa deve-se principalmente à **evolução esperada das exportações, cujo abrandamento já visível na segunda metade de 2018** traduz uma maior dificuldade das empresas portuguesas a ganharem quota de mercado; além disso, sentir-se-ão os efeitos da dependência de uma conjuntura externa, caracterizada por um risco cada vez maior **ligado ao** protecionismo e às medidas que penalizam o comércio internacional, sem esquecer as repercussões da saída do Reino Unido da UE.

Apesar disto, o Banco de Portugal está mais otimista quanto à evolução do investimento em 2019 e 2020, bem como relativamente ao emprego, que deverá continuar a crescer, embora a um ritmo progressivamente menor face aos anos anteriores.

O capital humano, associado à qualificação da população empregada, também deverá manter um contributo positivo para o crescimento económico, considerando o Banco de Portugal que “a aposta no capital humano se afigura essencial para promover o crescimento no longo prazo”.

Depois dos 1,8% de 2019, a economia portuguesa deverá crescer **1,7%** em 2020 e **1,6%** em 2021, marcando, então, quatro anos consecutivos de abrandamento depois dos 2,8% de 2017, devido a um “contributo

progressivamente menor das exportações em termos líquidos de conteúdos importados”, designadamente a exportação daquilo que as refinarias produzem a partir do petróleo que importam.

Porém, apesar de menor, este **crescimento mais “sustentável” do que dantes**, por ser baseado menos no consumo privado e mais no aumento do peso das exportações e do investimento empresarial, o qual, **mais do que o investimento público, deverá ser mais dinâmico beneficiando de** condições de procura e financiamento favoráveis e, por outro lado, de construção de algumas grandes infraestruturas. Note-se que, o facto de o Estado ter travado no investimento público em 2018 contribuiu para que o investimento na economia portuguesa, como um todo, **tenha derrapado de um crescimento de 9,2% em 2017 para 3,9% em 2018.**

Por fim, o Banco de Portugal antecipa uma “manutenção de um crescimento relativamente forte das exportações de turismo nos próximos anos”, sem deixar de alertar para o facto destas perspetivas estarem sujeitas a incerteza e riscos. Por um lado, porque a atividade turística tem uma elevada sensibilidade ao ciclo económico global, o qual se perspectiva abrandar e por outro lado, pela recuperação da atividade turística em destinos concorrentes, que competem essencialmente na vertente preço.

#### 4. CONJUNTURA INTERNACIONAL

PIB	2018	2019
<b>MUNDO</b>	<b>3,7</b>	<b>3,5</b>
EUA	2,9	2,5
<b>UE – ZONA EURO</b>	<b>1,8</b>	<b>1,6</b>
Alemanha	1,5	1,3
França	1,5	1,5
Espanha	2,5	2,2
Itália	1,0	0,6
Reino Unido	1,4	1,5
<b>PORTUGAL *</b>	<b>2,1</b>	<b>1,8</b>
Brasil	1,3	2,5
México	2,1	2,1
China	6,6	6,2
India	7,3	7,5
Japão	0,9	1,1
Rússia	1,7	1,6

Fonte: WEO FMI – Janeiro 2019;\*BdP

O Fundo Monetário Internacional (FMI) baixou as suas estimativas para a economia mundial, prevendo que cresça 3,5% em 2019, menos 0,2 pontos percentuais do que a previsão anterior. As projeções do crescimento mundial para 2019 e 2020 já tinham sido revistas em baixa no último relatório, principalmente por causa dos efeitos negativos do aumento das tarifas pelos EUA e China", sendo que agora o efeito de repercussão ("carry-over") de uma segunda metade de 2018 mais fraca, pesa nas previsões.

Isto é particularmente visível na Zona Euro. Há um ano, o Fundo previa que a Zona Euro crescesse 2% este ano, mas na atualização de hoje revê para 1,6%, apontando a performance das economias da Alemanha, da Itália e da Turquia como as razões para esta revisão em baixa.

No caso alemão, foi a introdução dos novos padrões de emissões nos carros a penalizar o setor automóvel. No caso italiano, as preocupações quanto aos riscos da dívida soberana e riscos financeiros penalizaram a procura interna; por sua vez, a contração da economia da Turquia agora projetada é maior do que a prevista. A estas junta-se, em menor grau, a França, com o efeito da contestação dos coletes amarelos.

A travagem destas economias é particularmente penalizadora para Portugal, uma vez que estes países são dos seus principais parceiros comerciais. Um dos riscos que continua a pairar no cenário é o não acordo para a saída do Reino Unido da União Europeia. Para já, o FMI assume que existirá um acordo para o Brexit este ano, com uma transição gradual para o novo enquadramento, prevendo um crescimento de 1,5% da economia britânica.

O crescimento económico dos Estados Unidos foi mantido em 2,5% para 2019 e 1,8% para 2020, enquanto a previsão de crescimento económico do Japão foi revista em alta para 1,1% em 2019 e para 0,5% em 2020.

Para os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento, o FMI antecipa que o crescimento económico desça para 4,5% em 2019, menos 0,2 pontos percentuais do que a previsão de outubro, antes de melhorar para 4,9% em 2020.

A China deverá desacelerar para uma expansão de 6,2%, tanto em 2019 como em 2020. Tal deve-se ao "aperto da regulação financeira" e às "tensões comerciais" com os EUA. O impacto deste último fator dependerá das negociações que atualmente decorrem entre as duas maiores economias do mundo.

Para fazer face aos desafios que se colocam, o FMI sugere que a principal prioridade política seja a de os países resolverem de modo cooperante e rápido os seus desacordos comerciais e a consequente incerteza política, "em vez de aumentarem ainda mais barreiras prejudiciais e desestabilizarem uma economia global já em desaceleração".

A instituição acrescenta que é imperativo aplicar, em todas as economias, medidas para impulsionar o potencial crescimento do PIB, aumentar a inclusão e fortalecer os amortecedores orçamentais e financeiros, num ambiente de elevado endividamento e condições financeiras mais rígidas.